

“AQUI DÁ MUITA BAGACEIRA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS ACERCA DAS INTERSECCIONALIDADES NAS SOCIABILIDADES JUVENIS NUM BAR GLS NA REGIÃO PERIFERIZADA DE GOIÂNIA

Bruno dos Santos Hammes

*Professor substituto na Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Campus Universitário de Tocantinópolis
brunohammes@hotmail.com*

Resumo

O presente trabalho busca apresentar algumas análises de dados produzidos ao longo de um estudo etnográfico realizado no “Feirão do Chope”, um bar na região periférica de Goiânia. Este teve como objetivo analisar e entender os processos de constituição de identidades, subjetividades e pertencimentos experimentados por jovens frequentadoras/es do espaço de lazer e sociabilidade noturna em questão. Para tanto, foquei a produção de dados em uma das redes de amizade e sociabilidade dentre aquelas que se dão no local. Indaguei e observei assim, elementos que pudessem identificar questões acerca da formulação de elementos de subjetividade e pertencimento. Busquei ainda problematizar os efeitos da erotização de corpos dos homens negros frequentadores. Por fim, cabe ressaltar que procurei produzir uma análise pautada pela intersecção entre gênero, sexualidade e raça necessárias à formulação de conhecimento sobre e a partir de um lugar marginalizado/periferizado.

Palavras-chave: sociabilidades juvenis, interseccionalidade, homossexualidade

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões acerca de dados produzidos à época da investigação que deu origem à minha dissertação de mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás. Para tanto, cabe salientar que, foi feita a opção por focar a produção de dados de campo, privilegiando um lugar no contexto de consumo e sociabilidades noturnas, o “Feirão do Chopp” bar que pode ser rotulado, para fins comerciais, como GLS¹. O mesmo, por estar localizado na periferia da cidade de Goiânia, capital de Goiás, se torna fértil a observações que nuancem a interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), ou seja, as diferentes combinações e resultantes da percepção da articulação de marcadores sociais da diferença.

Este esforço teve como resultado a possibilidade de apreender melhor elementos que figuram como importantes no processo de elaboração de discursos de si no âmbito da(s) rede(s) dos jovens frequentadores do local, Vale ressaltar de partida que às mesmas também perpassa o sentimento de pertencimento que estes jovens formulam no que diz respeito aos possíveis grupos com que teriam

¹ MacRae (2004) afirma que o que chamamos hoje de mercado GLS (Gays, Lésbicas e simpatizantes) no Brasil teve sua gênese na cidade de São Paulo na década de 1960, com abertura de boates declaradamente destinadas ao “cliente homossexual”. Optamos seguir com esta nomenclatura justamente por acatar entendimento do movimento social LGBT que afirma ter diferenças de natureza e motivação em relação ao segmento mercadológico.

contato e estabeleceriam tipos de filiação/afinidade bem como apreender como que hierarquias e estigmas sociais se resignificam e se reproduzem no contexto do campo de pesquisa.

Para a realização da pesquisa o “consumo” foi nuançado na sua dimensão enquanto vetor viabilizador da existência de certas formas de lazer e sociabilidades para um público pouco assistido por políticas públicas de lazer. Assim, tendo como norte a apreensão de uma sociedade capitalista onde mercado/consumo norteiam o lazer, em especial para um mercado, dito, GLS, percebo na iniciativa privada uma importância, mesmo que fundacional e com todas as implicações que possa ter, em conseguir atender esta demanda represada por lazer na região.

No intuito de circunscrever melhor a abrangência da pesquisa, devo enunciar que, ainda que focar a investigação nas “sociabilidades juvenis” já significa um relevante recorte, eu o considero relativamente amplo, visto que, dentre o plural universo do qual é composta a categoria identitária “jovem”, existem múltiplas redes e vários grupos que adotam práticas e gostos específicos. Estes, muito distintos entre si, o que acaba tornando inclusive onerosa a realização de uma investigação genérica, por isso, julgo necessário caracterizar o melhor possível o foco.

Neste sentido, para solucionar esta questão, optei por focar a produção de dados nas sociabilidades juvenis entre jovens rapazes que se identificam como *gays*, mas que tem em comum, necessariamente, a frequência no *Feirão do Chopp*. O mesmo foi escolhido justamente por conta da sua localização geográfica, em uma região considerada de periferia na cidade. A hipótese que norteou essa escolha levou em consideração o fato de que as desigualdades econômica e racial se articulam, de maneira notória, tanto no Brasil quanto em Goiânia, trazendo como consequência o estabelecimento de limites (físicos ou simbólicos) mais ou menos rígidos entre grupos e territorialidades, criando assim “centros”, “periferias” e seus limites e paisagens.

Logo, seja pela frequência no bar, seja pela residência na região ou ainda pela combinação dos dois quesitos, pretendi perceber como os sujeitos da pesquisa acionavam ou dissimulavam a região de residência ou a predileção pelo bar como marcas identitárias importantes para produção de suas subjetividades. Assim, ao interseccionar juventude, gênero e sexualidade com raça - tomadas em relação ao espaço e aos contextos social e cultural, temos que foi preciso focar a análise nas narrativas dos sujeitos para, justamente, entender como se constituía o lugar como um espaço situado no que seria uma região “periferizada” da cidade.

Mediante o observado em campo, sustento aqui perceber a existência de uma intenção hierarquizante na construção da categoria “bagaceira”, por exemplo. A mesma se revelou desde o momento de sua primeira enunciação ser utilizada para determinar a distinção entre os sujeitos. Ali

então se reformulara a dicotomia nós *versus* outros, agora na forma nós *versus* bagaceiras. Não restando outra conclusão que não seja, primeiro o grupo enunciador tal qual na estrutura de distinção continua não-adjetivada e, segundo a percepção que aponta para uma tentativa de construir ou evidenciar a diferença em relação que ele(s) percebe(m) em relação a um grupo que julgam ser inferior/ diferente.

Algo que vai ao encontro da análise realizada por França (2012), em relação aos seus sujeitos de pesquisa e ao contexto que estão inseridos, apontando que a diferença está no mundo e no mercado GLS, justamente porque este é parte integrante do mundo social ou mercado geral, embora se manifeste de maneira resignificada. Ainda que tenhamos que concordar com Pinho (2006), quando este aponta que a integração da periferia as aspirações de consumo e ao mundo das mercadorias se dê de maneira precarizada e subordinada.

Efetivamente, essa categoria acusatória pela qual se aprende a designar um grupo de sujeitos frequentadores com o qual não se pretende manter interação ou proximidade leva em consideração certas características como: a pessoa ser “pintosa²” ou não; vestir roupas coladas, decotadas e “chamativas” ou não. Bem como usar uma tintura e corte de cabelo “feminino” ou não; dançar ou não. Mas o fato é que os atributos que configuram tal categoria são de três ordens diferentes, mas que convergem e atuam “compondo” a imagem ou a “fachada” dos sujeitos.

Ser ou não ser “bagaceira”: apreensões da sociabilidade no Feirão do Chope

Aqui remeto ao campo. De modo que, desde que Marcos³, meu principal interlocutor em campo, mediou a apresentação entre eu e Gildo⁴, amigo seu que fazia parte da rede de sociabilidade - este esboçou alguma curiosidade em relação à pesquisa que eu estava desenvolvendo que pude ler de duas formas ou vontade em demonstrar certa familiaridade com a pesquisa científica, provavelmente para poder demonstrar que tinha mesmo capital cultural que eu já que o mesmo tem formação em nível superior. Leitura que teria bastante coerência se não fosse a “curiosidade”, presente em sua primeira pergunta querendo descobrir se eu e Marcos estávamos “nos conhecendo

² Pintosa é uma categoria êmica utilizada como categoria acusatória da expressão de certa feminilidade ou ainda numa forma de tratamento entre amigos de maneira um tanto jocosa, mas tem sua origem em outra expressão de grupos *gays* que é “dar pinta”, ou seja, dar a entender ou demonstrar, pela expressão de gênero alguma coincidência com a orientação sexual.

³ Jovem de 19 anos, estudante universitário, originário do interior do estado de Goiás que mora a pouco mais de um ano só em Goiânia onde trabalha no setor de serviços e começou os estudos em uma universidade.

⁴ Gildo tem 34 anos e é servidor em uma empresa pública do estado de Goiás e tem curso superior completo.

melhor” ou não. O que não seria maldoso da parte dele imaginar, afinal era o que se esperava, de dois homens (ou duas mulheres) que conversavam a sós naquele lugar. Era esse o intuito da grande maioria das pessoas que ia ali.

A primeira surpresa de Gildo foi meu estado social⁵, que acabou causando um duplo estranhamento, afinal eu era um não-solteiro interessado em realizar uma pesquisa acadêmica “naquele lugar”. Assim, a impressão que eu tive era de como se me vissem duplamente “fora do meu lugar”, se assim fosse possível qualificar a sensação. Eram dois os motivos: o primeiro era por eu estar em um bar *gay* desacompanhado de um parceiro, e o segundo por eu estar em um bar que não condizia com meu status social e econômico de universitário.

Tal combinação de estranhamentos se refletiu nas curiosidades externadas pelos sujeitos através de perguntas, às quais eu já me referi. Todas as interpelações neste momento inicial tinham por objetivo procurar entender o que me levava até o lugar, ou tentavam compreender por que eu havia escolhido justamente o Feirão do Chope e não outras boates. Quase indignados me perguntavam, “O que tem aqui? ”, numa tentativa de compreender o que tinha de “pesquisável” ou que merecesse atenção de um pesquisador naquele lugar e não nas outras boates e bares mais centralizados e frequentados por pessoas com o mesmo perfil de escolaridade e econômico que eu.

E assim o interesse dele pela pesquisa parecia se reverter em uma demonstração de certo domínio sobre o que podemos chamar de “universo da faculdade”. Ao mesmo tempo, as perguntas soavam como uma espécie de teste para saber se realmente eu estava ali por interesse acadêmico ou se estava blefando. O fato é que nossa condição, minha, de Gildo, de Marcos e de algumas outras pessoas que já frequentavam o Feirão antes do início do meu trabalho de campo com as quais eles já mantinham contato, instigava e fortalecia, em Gildo, certo “pertencimento”, possibilitado pelo domínio de certo código que, supostamente, o ensino superior oferecia. Condições que contribuíam para que Gildo estivesse mais à vontade e na esperança de encontrar respaldo em nós, para emitir certas opiniões a respeito do lugar e das outras pessoas que não tinham este mesmo perfil.

Ainda sobre Gildo, destaco que o mesmo expressava uma posição bastante avessa a qualquer expressão ou manifestação de “feminilidade” em corpos biologicamente masculinos. Havendo para ele, segundo o que pude captar, uma profunda relação entre o que eu chamo aqui de “feminilidade” (que para o sujeito seriam todas as expressões de “afetação” ou “pinta”) e promiscuidade. Tenho como hipótese para o estabelecimento desta relação a associação forte no senso comum, entre travestilidade e prostituição. Suponho isto por perceber que discussões de gênero e das diferenças

⁵ Ter um relacionamento sério, ou seja, não estar solteiro e disponível para o flerte.

identitárias entre as identidades “T” (trans e travesti principalmente) e de gênero também não ocorra de forma capilarizada mesmo dentro dos grupos homossexuais.

Ainda segundo seu discurso, podemos perceber que, de maneira mais velada, imprecisa e imiscuída nesta aversão há ainda uma relação destes dois elementos com uma noção de “sujeira”, ou como algo errado e desnecessário. A aversão deste sujeito de pesquisa a estas “feminilidades” era tão acentuada que fez com que certa vez, ocasião em que ele havia prometido carona a um colega, Gildo julgou necessário que o interpelasse para se certificar que o mesmo não levaria mais ninguém com ele no seu carro. Contudo notei que o problema não era de levar qualquer pessoa, mas mais especificamente a pessoa com que o colega conversava.

Isso porque notei que Gildo viu, assim como eu o tal colega acompanhado constantemente de um amigo, o mesmo estava encarnando uma das expressões de feminilidade mais acentuada, pois estava montado, ou seja, vestido com roupas socialmente entendidas como femininas. Então ele puxou o rapaz e disse, “no meu carro só tem espaço para você, *ela* eu não carrego no meu carro” (Grifo meu). Ele estava se referindo no caso ao terceiro sujeito, a quem se referia no feminino não por se tratar de um performer *drag queen*, mas para enfatizar hierarquia e inferiorizar a pessoa. Verbalizando então que seria seu jeito, ou a *performance* descabida (no julgamento dele) desse terceiro que o impedia de viajar em seu carro. E completou: “tenho pavor dessas coisas, não carrego no meu carro e nem gosto de ter proximidade com elas”. Impressão que, pelo que pude perceber, mantém relação com o pavor social que as alterações, momentâneas (no caso das *drag queens*) ou duradouras (no caso das travestis, transgêneros e transexuais), causam na maioria das pessoas.

A supor pela reação deste sujeito *gay*, interlocutor nesta pesquisa, podemos ao menos desconfiar, e muitas vezes confirmar o desconforto, *fobia*, que o imaginário social de senso comum, independente da orientação sexual, tem por estas pessoas. A moral destas pessoas várias vezes é posta em xeque pelo fato de as pessoas transferirem o medo causado pela refiguração/alteração de seus corpos para a suspeição da rigidez e perenidade de sua moral, caráter e conduta social.

Nos intriga saber que esta fala não difere em quase nada daquelas que pessoas não-frequentadoras evocam para justificar que o lugar não lhes apetece⁶. Mas, o fato é que a situação pode ser compreendida se atentarmos para o fato de que a fobia não é uma sensação ou sentimento que acomete apenas aquelas/es que não se enquadram nas “minorias sexuais”, e sim a

⁶ A hipótese de que a localização e o público que frequenta ser “divertido” e/ou “feio”, segundo o que me disseram alguns não-frequentadores, para não ter interesse no “Feirão”, se reconfigura em outras distinções dentro do lugar, estabelecendo assim as territorialidades internas.

maioria, inclusive aquelas/es que podemos chamar de “comunidade LGBT”, haja vista o poder coercitivo da norma social heterossexual.

Contudo, Gildo, apesar desta postura e de ter a facilidade de locomoção por ter carro o que lhe permitiria escolher outros locais, ainda assim frequentava regularmente o Feirão do Chope. E mais, algo bem curioso é que nem Gildo, nem os seus pares, conseguem transmitir para a sociedade uma imagem representativa de tal “masculinidade”, ou melhor, da tal virilidade que tanto esperam das outras pessoas. Tais nuances complexificam e dificultam ainda mais a tarefa de um novato, como eu, tentar consolidar uma imagem do que seria a “feminilidade”, tão rejeitada ali e o que definiria a masculinidade ou “discrição⁷” a que tanto se referem e defendem como fundamental. Nossa reflexão quanto a isto permite presumir que entender os códigos, os conceitos e a etiqueta seja uma espécie de condição que configura o capital e a essência do grupo, fundamental e importante à sociabilidade e à vontade de pertencer ao grupo de prestígio, sendo tarefa do aspirante à pertença esta tarefa.

Outra contribuição que a acolhida neste grupo e a interlocução com Gildo me proporcionaram nesta tarefa de construção de uma compreensão das sociabilidades e das peculiaridades presentes no Feirão decorre da forma como ele se refere ao lugar e às pessoas: “bagaceira(s)⁸”. Sua importância se deve ao fato de ter se tornado a categoria êmica central para construção de tal compreensão das leituras de mundo e das feminilidades e masculinidades no campo.

Contudo, era nossa intenção ainda explorar as aparentes contradições que se justapõe entre a tratativa e a frequência no local. A frequência, quase tão regular quanto a do pesquisador, revela que Gildo, a despeito da forma como se refere ao lugar, tem seus motivos para frequentá-lo. Talvez um deles seja as relações pessoais e afinidades com algumas pessoas com quem ele mantém vínculos ali e a partir dali para além do Feirão. É exemplificadora desta situação um registro que certa vez que Gildo chegou junto com Marcos, algumas vezes fizeram menção e comentaram sobre terem participado antes dali da comemoração de aniversário de um outro frequentador do Feirão. A festa que acontecera na tarde daquele dia, contou com um almoço na casa do aniversariante.

Com base neste fato passo a me indagar: seria essa a maneira pela qual o mesmo estabelece alguma relação (de distinção) entre ele e os demais? Ou seria essa uma narrativa através da qual Gildo pretende informar o pesquisador que, apesar de tudo, existe uma diferença entre o público frequentador? Mais do que responder estas indagações, penso que salientar as questões que podem

⁷ Discrição aqui se opõe a “afetação”, ou seja, diz-se da pessoa ou gay “discreto”.

⁸ Categoria êmica, que segundo o sujeito diz de uma pessoa ou lugar de promiscuidade, “pobreza” ou sujeira.

estar imiscuídas nestas interações que têm a ver com as hipóteses que formulei pode ser mais produtivo.

Analiso que, ao menos nas interações entre nós, a intenção do mesmo possa ser construir discursivamente os elementos que me levariam a escolher a companhia dele e das pessoas com quem ele se relaciona em detrimento das outras pessoas, em especial aquelas para as quais ele apontava se referindo/acusando de serem “bagaceiras⁹”. Apesar de já tê-la ouvido algumas vezes, foi aí então que entendi porque a categoria parecia de difícil precisão. Pois, apesar dos esforços e dos artifícios para questionamentos no intuito de tentar entende-la melhor, a melhor compreensão da mesma demandaria mais tempo de convivência e sociabilidade. E, indo além penso que, a partir do momento que eu conseguisse perceber alguém na categoria e o fizesse “corretamente”, isso “atestaria” então que eu estaria inteirado e apto a ser parte daquele grupo¹⁰.

Pelo exposto, afirmo aqui perceber a existência de uma intenção, a qual classificaria analiticamente de “hierarquizante” na construção, por exemplo, da “bagaceira”. O fazendo por não encontrar outra motivação aparente ou detectada para que tal distinção (nós x bagaceiras) se desse. Não restando outra conclusão que não seja a aquela que aponta para uma tentativa de construir ou evidenciar a diferença em relação que ele(s) percebe(m) em relação a um grupo que julgam ser inferior/ diferente. O que confirma a análise realizada pelo sujeito da pesquisa de França (2012), apontando que a diferença está no mundo e no mercado GLS, justamente porque este é parte integrante do mundo social ou mercado geral. Ainda que tenhamos que concordar com Pinho (2006), quando este aponta que a integração da periferia as aspirações de consumo e ao mundo das mercadorias se dê de maneira precarizada e subordinada.

Efetivamente, essa categoria acusatória pela qual se aprende a designar um grupo de sujeitos frequentadores com o qual não se pretende manter interação ou proximidade leva em consideração certas características como: a pessoa ser “pintosa” ou não; vestir roupas coladas, decotadas e “chamativas” ou não. Bem como usar uma tintura e corte de cabelo “feminino” ou não; dançar ou não. Mas o fato é que os atributos que configuram tal categoria são de três ordens¹¹ diferentes, mas que convergem e atuam compondo a imagem dos sujeitos. São estas ordens: a *performatividade* que

⁹ Na gíria *gay*, “bagaceira” geralmente tem a ver com “bagaço”, aquilo que sobra, resto. Com inspiração em uma marca de cachaça muito barata e de qualidade questionada também chamada “bagaceira”.

¹⁰ Não se trata aqui da presunção em “se passar por nativo”, mas sim de visibilizar que a dinâmica da etnografia, como toda interação social, envolve a socialização e a apreensão de certas categorias e dimensões morais específicas do grupo.

¹¹ A divisão aqui proposta, em concordância com a análise desenvolvida, é estabelecida como um recurso didático para salientar a forma como é entendido o processo. Visto que na prática social não são percebidos desta maneira, tão dividida.

envolve a “pinta”; a segunda a indumentária como, por exemplo, a escolha da roupa para a ocasião; e a terceira que teria mais a ver especificamente com o corpo e diz respeito às alterações no que poderíamos chamar de “aparência física”, revelando certa “plasticidade”, como cor, textura e comprimento do cabelo, por exemplo.

Tais dimensões corroboraram com Miller (2013), que simultaneamente aponta para os limites da abordagem semiótica nos estudos da cultura material e aponta para sua convivência com outras abordagens. Coloca-se então uma questão que tangencia a percepção e a definição da separação entre corpo e objetos. Questionando assim não apenas a não-humanidade dos trecos/coisas, mas também a capacidade de representação do sujeito a partir dos objetos. E é nessa encruzilhada, entre o corpo e a representação do *eu*, que este corpo composto e inteligível aponta na direção de certa corporeidade, onde estas ordens figuram com alguma importância para a autoimagem e a recepção da mesma, como veremos mais adiante em Erving Goffman (2011).

Daniel Miller aponta para a prevalência, durante a década de 1980, na Inglaterra, da perspectiva semiótica, que implica em dizer que, à época, “a melhor maneira de avaliar o papel dos objetos era considerá-los signos e símbolos que nos representavam” (MILLER, 2013: 21). Ilustrativo para esta perspectiva seria então, ainda segundo o autor, o exemplo dos estudos da indumentária.

Dentro da lógica desta matriz filosófica, se entenderia que as escolhas das vestimentas (em todos os contextos sociais), uma vez que o pressuposto universalizante estaria presente nelas, significaria ou implicaria em uma escolha consciente norteada pela ideia de avaliar em qual medida o conjunto das peças nos representaria mais fielmente/verdadeiramente, segundo, é claro, a nossa própria imagem de nós mesmos (autoimagem). Assim, o autor elenca alguns exemplos que visam comunicar tal imagem de si, como por exemplo, quando alguém acredita que “minha roupa mostra que sou *sexy*, ou esloveno, ou inteligente ou as três coisas” (MILLER, 2013: 21).

Podemos tomar como exemplo o “ato de comprar”, cuja interpretação pode caminhar pela apreensão via significação do consumo ou aquelas, mais simplistas, via consumismo. Em relação ao ato de comprar, Miller (2013) indaga em seu texto sobre o lugar comum que se tornou a percepção de “rapazes negros” como sendo “superficiais porque queriam tênis caros, que supostamente não tinham condições de comprar” (MILLER, 2013: 23). Assim, o autor nos convida a pensar se se aplica aqui a máxima de que na contemporaneidade, “ter se tornou mais importante do que ser”, ou mais ainda, será que para estas pessoas haveria possibilidade de certa sobreposição que permitisse

se valer da auto-representação através do que a indumentária comunica? Tudo depende do que os sujeitos dizem, do que acionam discursivamente para dizer de si.

Trabalhadores em situações como açougue, mecânico, limpeza e serviços gerais, pelo que podemos perceber, acabam desenvolvendo uma preocupação com o “cheiro”, em virtude do ambiente de trabalho, por terem medo de o cheiro do ambiente acabar “impregnando” neles. Assim, além do açougue temos a memória do mecânico sujo e cheirando a graxa no corpo e sob as unhas.

Avançando para a significação das alterações do que chamamos aqui de “aparência física”, Le Breton (2003), nos dá importante contribuição, ao avançar na problematização e colocar em xeque, haja vista a contribuição dos serviços à disposição da manipulação, os limites do corpo e sua inscrição em uma anatomia inalterável.

Em nossas sociedades, a parcela de manipulação simbólica amplia-se, o reservatório de conhecimento e de serviços à disposição dos indivíduos estendeu-se desmesuradamente. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento. (LE BRETON, 2003: 27/28).

No que tange aos bens e ao corpo, o autor trata das experiências das “marcas corporais” que se materializam na subversiva constituição da cultura *punk*, nos anos 1970, em que “a ressignificação de determinados objetos acompanhava uma visão de mundo expressa também nas músicas, no comportamento, na atuação política e na produção cultural daquela ‘subcultura’”. Ainda em relações a estas “marcas”, vemos como o mesmo, a partir de sua interlocução com os escritos de outros autores, toma tatuagens e *piercings* como componentes não só deste corpo em específico, mas também da identidade social e de grupo.

O corpo é encarado aqui em sua dimensão ampla, para além do corpo trans, a fim de observar, como já dito anteriormente sua desnaturalização, no sentido de evidenciar certa “plasticidade”, como diz Le Breton, bem como entender sua inteligibilidade em um contexto influenciado pela conjuntura econômica do “consumo” e do capitalismo, como aqueles empreendimentos analíticos realizados por Miller (2007) e Appadurai (2008).

De maneira geral, como já foi apontado, muito do que é ser “bagaceira” tem a ver com um construto sobre seus corpos. De modo que se admite nesta construção elementos das subjetividades, como a maneira através da qual são entendidas as *performances* do/a sujeito. Contudo, há uma coincidência, que eu percebi se repetindo nas delações de meus interlocutores ao apontarem uma “bagaceira” e que é entendida na nossa sociedade apenas na sua dimensão genética e/o corporal que

é a “cor”, o tom de pele dos sujeitos: inexplicavelmente eram todos rapazes/homens negros: pretos ou “pardos¹²”.

Faço a ressalva chamando atenção para o fato de que, em nossa sociedade, a forma como o pertencimento racial invisibiliza a dimensão social/cultural, por justamente me lembrar da forma como, por exemplo, nos Estados Unidos da América, ou até mesmo na vizinha Argentina tal constatação se dá de formas totalmente distintas. Na primeira, o parentesco com ancestrais diretos que sejam negros torna o sujeito negro também, independente do seu fenótipo. Já nesta segunda, o que nós consideramos como “pardos”, via de regra, são identificados como negros.

Das primeiras vezes que essa situação aconteceu, tentei me convencer de que o que destoaria naqueles corpos a ponto de inspirar a discriminação era o fato de aqueles rapazes terem submetido os cabelos ao processo de alisamento químico. Bem como os manterem em um comprimento considerado incompatível com o da maioria dos rapazes, ou seja, estarem medindo a partir de um palmo na parte superior, combinado com uma lateral bem batida, comprimento quase zero e bem rente ao coro cabeludo em, ao menos, um dos lados. Mas a confirmação de que não era essa a marca crítica ali se revelou quando atentei para o próprio Marcos. O mesmo mantinha um corte de cabelo que pode se dizer idêntico ao daqueles rapazes. Diferenciando-se talvez por detalhes como tom e no comprimento que aqueles traziam e este não.

Algumas das características que já pontuei sobre o perfil de Marcos, como ser aluno de curso superior, não ser, ou não se entender, enquanto negro podem ser elencadas por Gildo, e pelo próprio Marcos, para não “serem bagaceira”. Até porque aquele tipo ideal de masculinidade valorado por Gildo não era uma característica de nenhum dos dois. Mais uma vez, então, a categoria revela sua ligação com a subjetividade e com a inteligibilidade e apreensão dos corpos. Difícil de apreender enquanto definidora de algo ou alguém apenas em suas características físicas, mas também em sua condição social e simbólica. Parecendo, por fim, mais com uma espécie de alerta ou demarcação de barreiras (simbólicas) entre o que estamos chamando aqui enquanto “grupos”.

Há de se pontuar que tal categoria também é situacional e remete à maneira distinta como estes sujeitos *gays* enxergam outras pessoas *gays*. Maneira que, com toda certeza, não deve fazer tanto sentido para outros grupos ali dentro, entre eles os homens “heterossexuais” ou até as travestis. Estes com certeza não devem fazer muita distinção entre “bagaceiras” e “não-bagaceiras”,

¹² Embora seja uma categoria censitária e identitária, vejo com muita cautela os usos da mesma que por vezes pode ser usado por sujeitos na intenção de se distanciar de um pertencimento étnico socialmente desvalorizado como acontece, no Brasil, com negros e negras.

haja vista a especificidade situacional que operacionaliza a inteligibilidade destes corpos, nestas categorias.

E, nesta medida, a recíproca é verdadeira, revelando que tampouco estes devem se perceber ou fazer ideia das categorias através das quais são tratados. Assim, tal constatação evidencia a importância das interações sociais e sociabilidades para produzir e compartilhar os códigos através dos quais, sua autodefinição é valorada, bem como a do grupo ou da rede, promovendo distinções.

Considerações momentâneas

MacRae (2004: 299) ao argumentar em defesa do “gueto” homossexual, demonstra que os grupos homossexuais, se estabelecem “de maneira mais informal, nos bares, nas discotecas e em outros estabelecimentos que compõem o chamado ‘gueto homossexual’”, mas também nos “grupos de reflexão e troca de experiência”. Reflexão na qual o autor evidencia algumas das contribuições dos lugares de sociabilidade e lazer noturno, ditos GLS, têm ou podem dar ao estabelecimento de redes de pertencimento e, principalmente, sociabilidades homossexuais e a resistência da diferença.

Todavia, a pesquisa de campo e, em especial, a opção por certa bibliografia crítica, me possibilitou atentar para pensar o que se faz da/com a “diferença” num local que atrai pessoas que fogem às normas, visto que a missão do mesmo não precisa ser produzir um ambiente acolhedor e sim servir ao consumo. Assim, em especial, penso na tal “informalidade” do bar e as inclusões subordinadas que o mercado possibilita ao passo que seleciona os fregueses, os corpos desejados e erotizáveis.

Ao tratar das sociabilidades e das dinâmicas do lugar, bem como dos motivos pelos quais os sujeitos frequentavam o espaço, algo que a experiência de campo me trouxe era pensar os dilemas e aos riscos ou perigos que estavam envolvidos em estar ali e ainda àqueles envolvidos na hora de ir embora. E, como afirmado acima, estes elementos e preocupações se tornam perceptíveis apenas tendo que se submeter às intempéries que estão imiscuídas na (in)segurança do transporte público da capital de Goiás. Cenário este que me permitiu produzir uma análise interseccional destes riscos aliados aos marcadores da diferença por mim elencados.

Por fim, podemos concluir a partir da pesquisa que, estereótipos e imagens de senso comum, relativas a sujeitos como “bagaceiras”, acabam não sendo exclusividade do “Feirão do Chopp”. Porém, a maneira como estas marcas da diferença e outras são tratadas e compartilhadas revela especificidades das sociabilidades no/do Feirão que neste caso tem a ver com a localização (social e geográfica) do mesmo na cidade. E foi na intenção de produzir conhecimento a partir desta “experiência marginal” que esta investigação se desenvolveu, buscando assim fornecer alguns elementos a mais que possam ajudar futuros leitores a adentrarem no universo da discussão interseccional de marcadores sociais da diferença.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BONETTI, Alinne. Antropologia feminista: o que é esta antropologia adjetivada? In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 7, 28, 29 e 30 de 2006. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Alinne_de_L._Bonetti_52.pdf>. Acesso em: 10 fev 2014.

_____ e FLEISHER, Soraya. (Org). Entre saias justas e jogos de cintura. Florianópolis: Ed. Mulheres; Ilha de Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

BRAZ, Camilo. À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos. Goiânia: Editora UFG, 2012, 208p.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu, Campinas, n. 26, 2006, p. 239-76.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas. Ano 10, 1º semestre, 2002.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DOUGLAS, Mary. Limites Externos. In: Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FACCHINI, R., FRANÇA, I. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, Norteamérica, 0, dic. 2009.

FRANÇA, Isadora Lins. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 1a. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. v. 1. 282p.

GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais da Interact social. In: Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis / RJ: Editora. 2011.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

LE BRETON, David. O corpo acessório. In: Adeus ao corpo. Campinas / SP: Papirus, 2003.

MACRAE, Edward. “Em defesa do gueto”. In: Green, James e Trindade, R. (orgs.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. Consumo como cultura material. Horizontes Antropológicos, ano 13, n. 28. Porto Alegre: 2007.

PINHO, Osmundo. A vida em que vivemos: raça, gênero e modernidade em São Gonçalo. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2006, p. 169-198.

RATTS, Alex J. P. Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira e LIMA, Solimar Oliveira. (Org.). Homossexualidade sem fronteiras: olhares. Rio de Janeiro – RJ: Booklinks, 2007, v. 1, p. 97-118.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.